

**LETÍCIA RAMOS**

*TOMO 1 / volume 1*

## A INVENÇÃO DA RODA / THE INVENTION OF INVENTION

Qual o futuro das máquinas? E o presente? Pode-se dizer que as máquinas servem para acelerar a velocidade, encurtar o espaço, captar imagens e para uma infinidade de outras coisas. tão fundamentais quanto banais, como copiar uma chave no chaveiro da esquina. Esse objetos costumam ser dotados de uma invisibilidade proporcional à sua utilidade. Quando superados por modelos mais eficazes, aí sim, passam para o mundo das coisas visíveis - e inúteis- exemplares de um tempo tecnologicamente ultrapassado. Partindo dessa idéia, me pergunto sobre o lugar das máquinas que Letícia Ramos vem desenvolvendo nos últimos anos e que agora são mostrados em Porto Alegre, ao lado de fotografias e desenhos. (Não por acaso, no Museu do Trabalho, lugar que agriga, além de mostras de arte contemporânea, um acervo de máquinas que fizeram parte da industrialização do Estado).

As máquinas que a artista constrói já nascem, paradoxalmente, no futuro das máquinas, que é esse momento em que elas são percebidas como parte da história de determinado ofício. Claro, são construídas no contexto da arte e por isso já nascem para o museu, para serem vistas. Assim, a obsolescência desses objetos não decorre de uma superação no sentido tecnológico, não podem ser ultrapassados pois não pretendem superar nada. Ao mesmo tempo, em um primeiro olhar, parecem totalmente desnecessárias - como se Letícia estivesse reinventando a roda - pois já existem equipamentos fotográficos e fílmicos com as mais elaboradas capacidades.

Diante disso, o que se percebe é que estas máquinas estão aqui, no nosso mundo, porque ligam-se profundamente com o prazer e apenas rapidamente com a utilidade. São objetos que nascem para uma imagem específica, repletos de construções mentais e suposições sobre o desconhecido. Literatura, ficção científica, laboratório do Franjinha (da turma da Mônica) surgem como referências de lugares em que inventar a roda é tão fundamental como a roda em si. Isso porque, talvez, nem mesmo o prazer seja melhor do que o prazer da busca pelo prazer.

As câmeras apresentadas nesta exposição, ERBF, POLAR e ESCAFANDRO foram projetadas entre 2007 e 2012, cada qual para uma imagem específica. São objetos construídos a partir de outros, filmadora 35mm, câmeras Polaroid e câmeras subaquáticas são, simultaneamente, as bases dessas máquinas. Dominadas por uma atmosfera nostálgica, essas câmeras, assim como as fotografias e filmes de Letícia presentes na mostra, nos falam de um tempo pretérito, analógico, em que as distâncias ainda eram percorridas por terra ou água. Um tempo em que captar uma imagem era algo próximo do extraordinário, chegar em outro lugar também.

Mas nostalgia não é o mesmo que saudosismo. Portanto, nestas obras, não há um lamento velhaco do progresso e das suas velocidades estonteantes. O que há é um deleite próprio dos inventores e exploradores - de ontem ou de hoje. Curiosos e obstinados, em suas oficinas, laboratórios ou computadores, estes sujeitos possuem um brilho no olhar capaz de nos convencer de que suas engenhocas irão funcionar. Isso quando nem eles estão de fato muito

preocupados com isso, já que, talvez, importe mais a busca do que o encontro.

Além desse objetos, também faz parte da mostra um projeto de projetor de filmes desenvolvido especialmente para uma máquina do acervo do Museu do Trabalho. Elaborado a partir de um armário de secagem de filmes 35mm, este desenho aproxima-nos um pouco do processo de trabalho da artista. Através dele podemos ver que, do contato com este objeto, surge uma outra máquina que se vale das limitações e especificidades da original para recuperar, ainda que brevemente, uma utilidade. Mas uma utilidade não mais para a indústria cinematográfica, e sim para o deleite mágico e sempre singular das imagens em movimento.

Ou seja, a partir de objetos ou da imaginação de determinados pontos de vista - como na câmera ESCAFANDRO - Letícia projeta câmeras, invertendo o princípio tradicional da história das imagens, em que as câmeras filmadoras e fotográficas geram histórias visuais. Assumir essa reviravolta, essa lógica invertida, como partido, favorece a construção de uma espécie de ficção científica do passado. Com isso, as noções que temos de “novo” ou de “obsoleto” também não são mais precisas e solicitam serem reexaminadas.

As fotografias, objetos e desenhos de Letícia Ramos convidam o espectador para uma viagem ao universo da artista - um universo que combina um futuro e um passado desconhecidos, povoado de fantasias, com um elemento concreto, a construção de máquinas para a apreensão de imagens. De certa forma, a bússola criativa de Letícia condensa dois pólos que outrora formavam uma dicotomia: a imaginação e o conhecimento.

Gabriela Motta  
2013

Project *Exhibitions*:  
Museu do Trabalho, Porto Alegre, 2014  
Centro Cultural São Paulo, 2009

*What is the future of machines? What about their present? Machines, one can say, are good for speed acceleration, making space smaller, capturing images, and for many other things as essential as trivial, like copying a key in the corner locksmith. The more useful these objects are, the more invisible. They are brought to the world of visible - and useless - things only when overtaken by more efficient machines, becoming mementos of a technologically obsolete era. This idea made me reflect on the place of the machines Leticia Ramos developed in recent years, now exhibited alongside with photographs and drawings. (And not by chance, at the Museu do Trabalho [Labor Museum] where contemporary art shows share space with a collection of machines that took part in the industrialization of the State of Rio Grande do Sul).*

*Paradoxically, the machines built by the artist are already born in the future of machines, defined as the moment they are perceived as parts of the history of a given workmanship. Naturally, they were built within the context of art, thus were born for the museum, for being seen. The obsolescence of these objects is not caused, therefore, by their technological overcoming; they cannot be surpassed as they are not intended to overcome anything. Besides, at a glance they look completely unnecessary - as if Leticia was reinventing the wheel - as photographic and film equipment with the most elaborated capabilities already exist.*

*Therefore, these machines can be perceived as being here, in our world, because they are deeply linked to pleasure, and just fairly related to usefulness. They are born to a specific image with plenty of mental constructions and conjectures about the unknown. Literature, science fiction, Franklin's lab (from the Monica's Gang comic books) arise as references to places where inventing the wheel is as primordial as the wheel itself. For not even pleasure is better than the pleasure of pleasure seeking.*

*ERBF, POLAR and ESCAFANDRO, the cameras shown in this exhibition, were designed in the 2007-12 period, each made for a specific image. These objects were built from other objects; a 35 mm movie camera, Polaroid cameras, and underwater cameras were simultaneously the starting-point of these machines. Leticia's cameras, as well as her photographs and films shown here, are dominated by a nostalgic atmosphere, and tell us about a bygone, analogic era when everyone had to travel by land or water. A time when capturing an image was an experience almost as extraordinary as reaching another place.*

*But nostalgia is not the same as sentimental conservativeness. Hence, in these works there is not any trichish grievance of progress and its astounding velocities. The delight of inventors and explorers - past and present - is what really springs from them. At their workshops, laboratories or computers, these curious and pertinacious people have a twinkle in their eyes that convinces us their gadgets are going to work. But they are not seriously concerned about it, once pursuing is maybe more important than finding.*

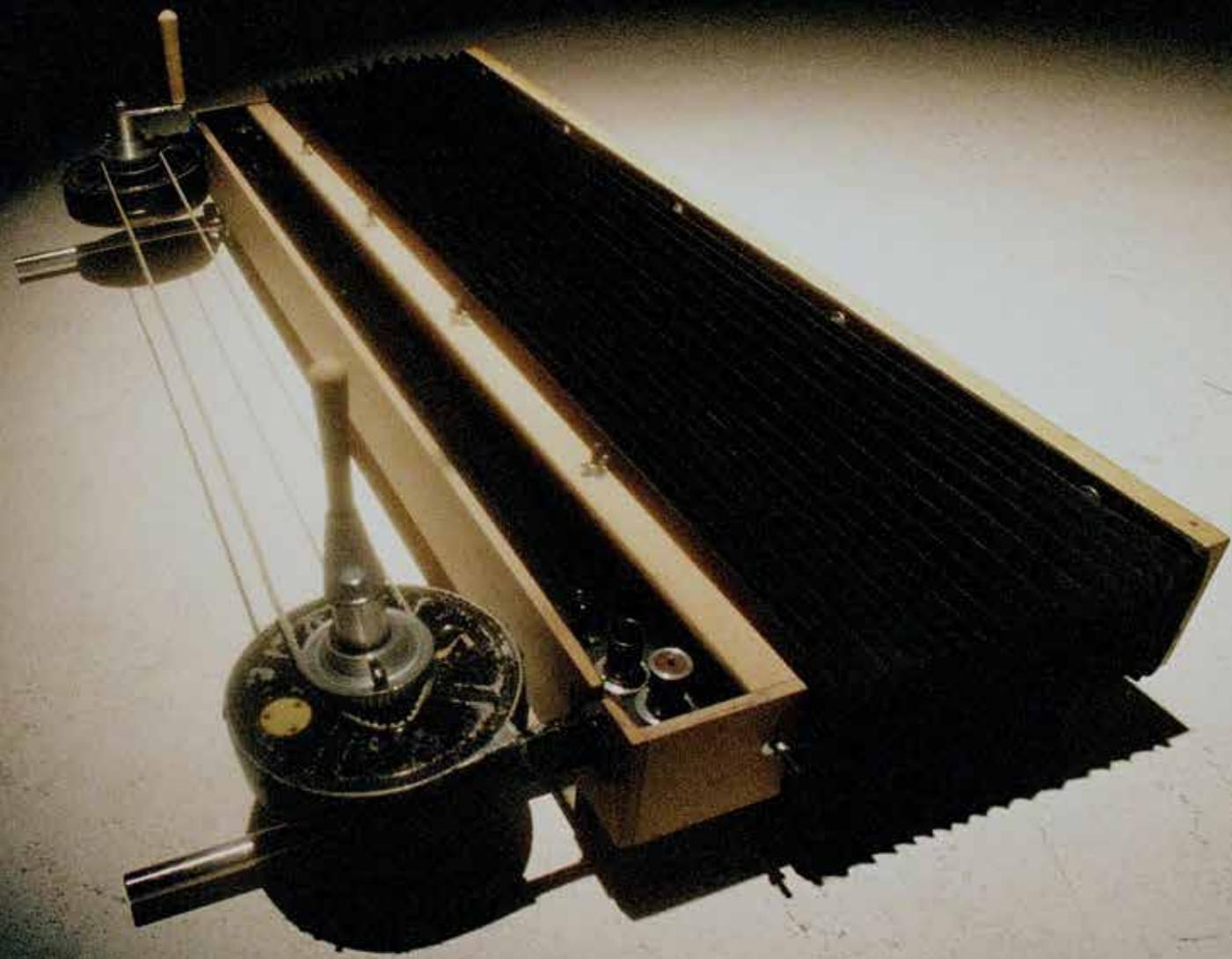
*Besides these objects, the exhibition also displays the project of a film projector specially developed for a machine in the museum's collection. This drawing was developed from a 35 mm-film drying cabinet (from the Museu do Trabalho collection), and takes us a bit closer to the artist's creation process. We can see through it that another machine, born from the contact with this object, explores the limitations and idiosyncrasies of the original model in order to recover a sense of usefulness, however briefly. Not a movie industry utility, but for the magic, unique delight of moving images.*

*In other words, Leticia starts from objects, or from the imagination of certain points of view - as in the ESCAFANDRO camera - to design cameras, and thus inverts the traditional principle of the history of images, according to which movie or photographic cameras generate visual stories. Taking sides with this overturning, this inverted logic, favors the*

*construction of a kind of science fiction of the past. So the notions we have about "new" and "obsolete" are not precise anymore, and need to be reexamined.*

*The photographs, drawings, and objects by Leticia Ramos invite us to a trip to the artist's universe - a universe combining unknown future and past times, dwelled by phantasies and a concrete element: the construction of machines for image capturing. In a way, Leticia's creative compass condenses these two poles which formely used to compose a dichotomy: imagination and knowledge.*

*Gabriela Mota  
2013*



**ERBF - Câmera Instantânea Sequencial /**  
***Instant Sequential Camera***  
Madeira, metal e tecido /  
*Wood, metal and fabric*  
130 x 150 x 30 cm  
2007



**Instantâneo Sequencial I\_frame /  
*Instant Sequential I\_Frame***

Fotografia 35 mm impressa em papel  
de algodão / *35 mm photography*  
*printed on cotton paper*

100 x 100 cm  
2009



**PANORAMICA 1**  
Fotografia 35mm impressa  
em papel de algodão /  
*35mm photography printed  
on cotton paper*  
67 x 200 cm  
1/3 + 1AP  
2009



*Bitácora of Leticia Ramos combines her production of the last two years in multiple relationships with the imagination of adventure, geographical romance and science fiction; full of sense, are put together here for this solo exhibition her notebook of notebooks and the circumnavigation of the Arctic Circle.*

*The show presents three working scales: Polaroids, extensions (almost painting) and artifacts (barometric wind-letter studies on the expedition boat, notebooks, traces and evidence of field trip) and videos.*

*Under the supernatural interference of the low northern lights, high frequency of blue and green landscapes made lean their cameras spontaneously capturing effects of Super-8 sci-fi photography. The explorer figure that doesn't appear, only shows to the visitor his impressions of his imagery traces Establishing contact between the nature descriptions practiced by Captain Hátteras de Jules Verne in his trip to the North Pole, blunts, from the collection of these stops, the feeling of a new beginning for the world.*

*What is seen in the distance are relics and materials testimonies walled between the past and the future, a trail of the white predictable polar- colors of atmospheric precipitations in the Arctic. One can understand the principle of such a chromatic distortion when we closely observe the wind chemical reactions caused by the high / low pressure differences and by the air mass of hot air and cold white clouds (water vapor).*

*For this exhibition the artist worked with repeating scales in blocks, between small and large movements, they seem different but are confined to the same split second frames. Ideally it looks like Leticia Ramos seeks an impossible synthesis of being worked, to have only one scene, as if she was trying to found a new place through a single image, and thus discover the organic-etymological origin of a new imagined continent, its time history, the progress,*

*The landmark of the stone,  
The field of the stone,  
The image of the stone,  
The map which is a stone.*

*Above all, in Bitácora, is given the confidence to really believe the images that are shown from the construction of own optical devices (and not or maybe how to show everywhere images to be displayed).*

Bitácora de Leticia Ramos conjuga a sua produção dos últimos dois anos em múltiplas relações com a aventura de imaginação, o romance geográfico e a ficção científica; repleta de sentido, estão presentes o seu caderno dos cadernos e a circunavegação do Círculo Polar Ártico, posto juntos aqui para essa exposição individual.

A mostra apresenta três escalas de trabalho: Polaroids, ampliações (quase pintura) e artefatos (estudos do vento-carta barométrica no barco da expedição, cadernos, resquícios e provas do field trip) e vídeos.

Sob a interferência sobrenatural das baixas luzes do norte, altas frequências de azuis e verdes das paisagens fizeram com que suas câmeras se inclinassem espontaneamente a captura de efeitos da fotografia de sci-fi Super-8. A figura do explorador que não aparece jamais, apenas vai lançando ao visitante as impressões de seus vestígios imagéticos. Estabelecendo contato entre as descrições da natureza praticadas pelo Capitão Hátteras de Jules Verne em sua viagem ao Polo Norte, desponta pela coleção dessas paragens a sensação de um recomeço para o mundo.

O que é avistado ao longe são relíquias e testemunhos materiais emparedados entre o passado e o futuro, uma fuga do previsível branco polar- as cores das precipitações atmosféricas do Ártico. Pode-se compreender o princípio de tal distorção cromática ao se observar de perto as reações químicas do vento causadas pelas diferenças de pressão alta/baixa e das massas de ar brancas quentes e frias das nuvens (vapor d'água).

Para essa exposição a artista trabalhou com escalas de repetição em blocos, entre pequenos e grandes movimentos, parecem diversos mas estão circunscritos aos mesmos átomos de segundo dos frames. Idealmente parece que Leticia Ramos busca uma síntese impossível de ser trabalhada, a de ter somente uma cena, como se tentasse fundar um lugar novo através de uma única imagem, e assim descobrir a origem orgânica-etimológica de um novo continente imaginado, o seu tempo histórico, o avanço,

O marco da pedra,  
O domínio da pedra,  
A imagem da pedra,  
O mapa que é uma pedra.

Em Bitácora, acima de tudo, sim é dada a confiança para realmente se acreditar nas imagens que são mostradas a partir da construção dos próprios aparatos óticos (e não ou talvez como se montam em todos os lugares imagens para serem mostradas).





**Vulcão Polar / *Polar Volcano***

Impressão sobre papel de algodão/  
*Print on cotton paper*

*Print on cotton paper*

18 x 52 cm

1/5 + 2 AP

2012



**A Imagem da Pedra / *The Stone Image***

Impressão sobre papel de algodão /

*Print on cotton paper from Polaroid*

36,5 x 54,5 cm

1/5 + 2 AP

2012



**Panorama Branco / *White Panorama***

Impressão sobre papel de algodão a partir de Polaroid /

*Print on cotton paper from Polaroid*

56,5 x 151 cm

1/3 + 2 AP

2012

**Paleolítico III / *Paleolithic III***

Impressão sobre papel de algodão a partir de Polaroid /

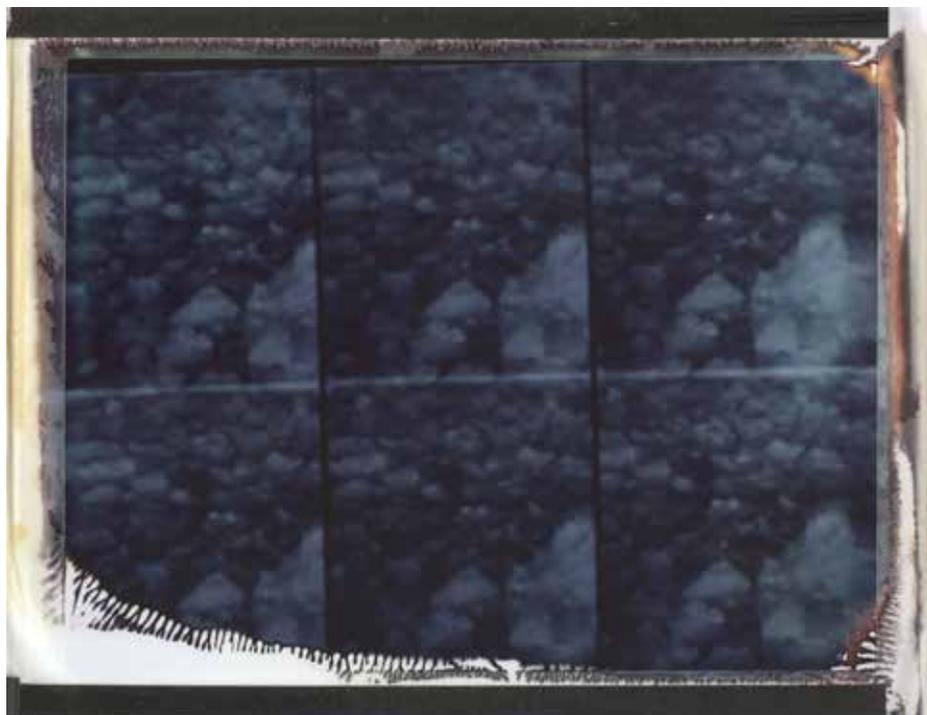
*Print on cotton paper from Polaroid*

60 x 45,5 cm

1/3 + 2 AP

2012





**Polar 8**

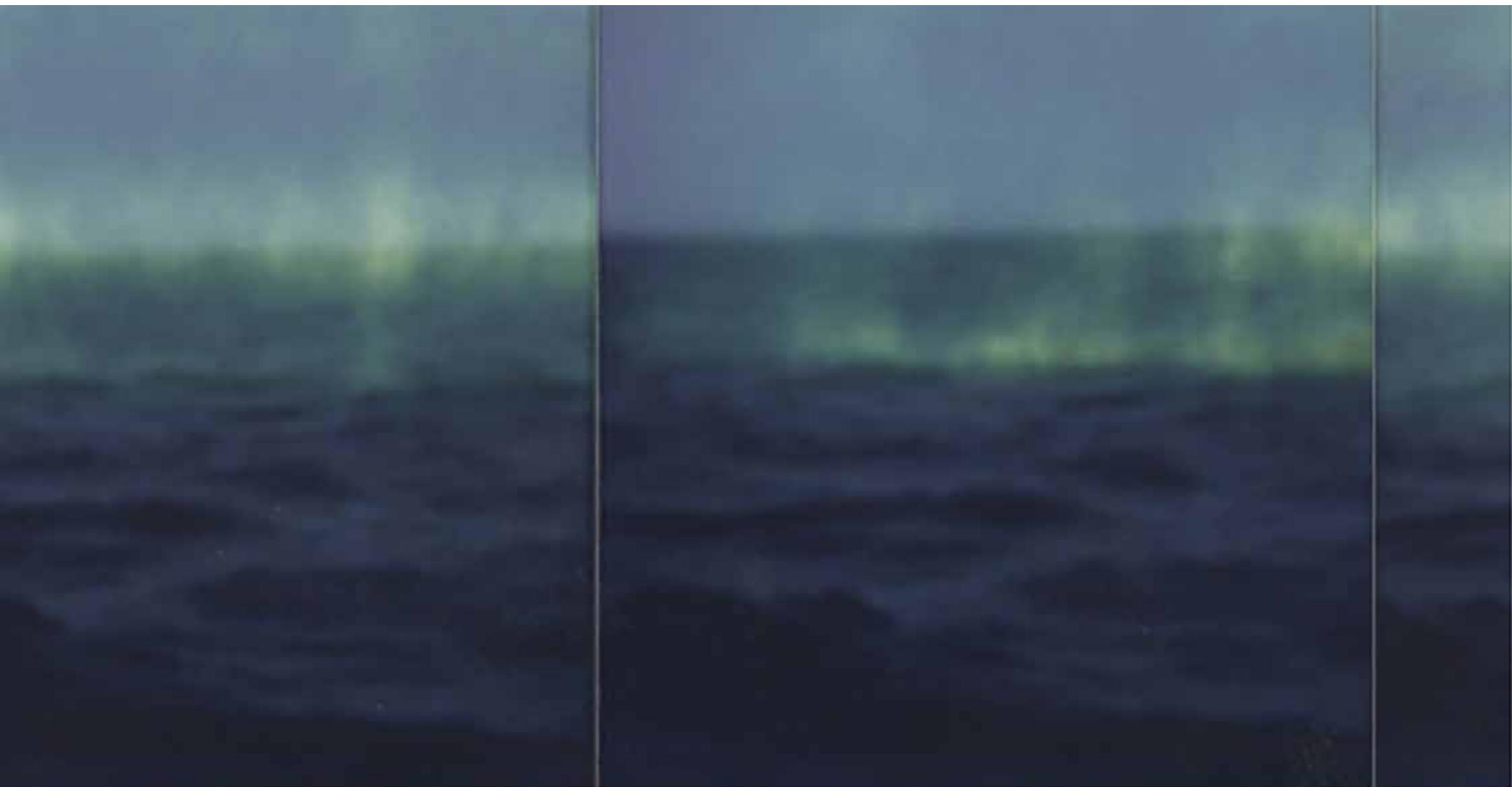
Fotografia Polaroid a partir de camera Lupa 6 /

*Polaroid Photography from Lupa 6 camera*

19 x 27 cm

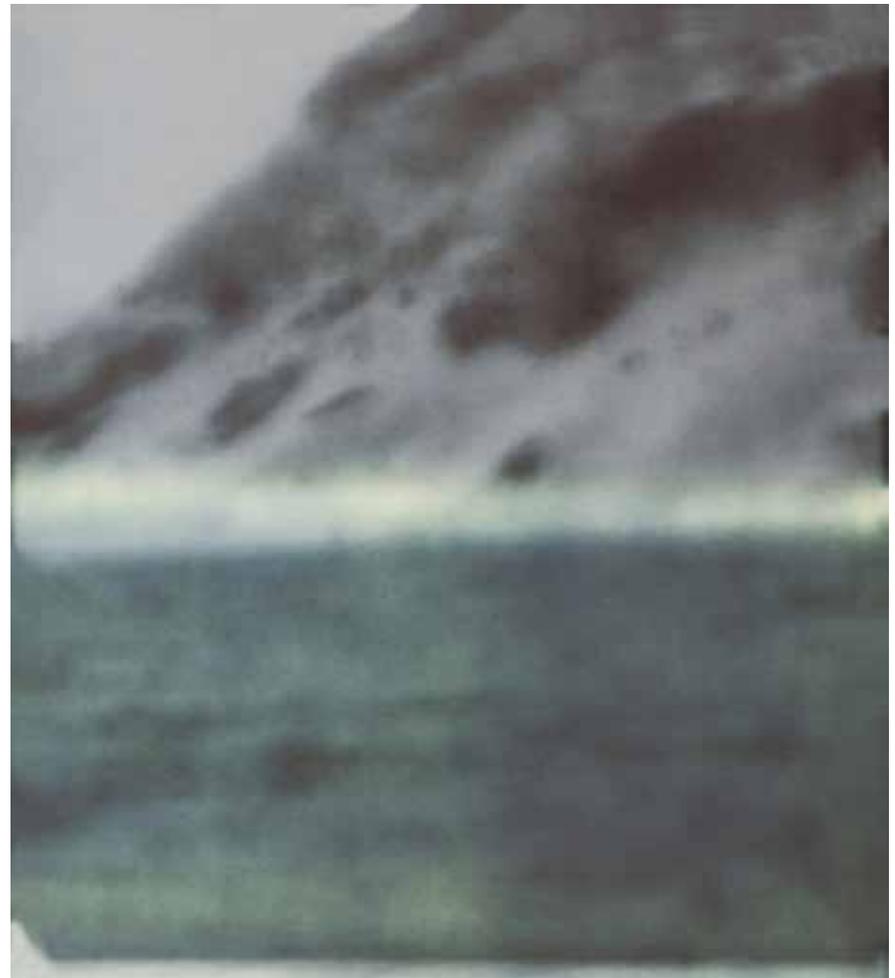
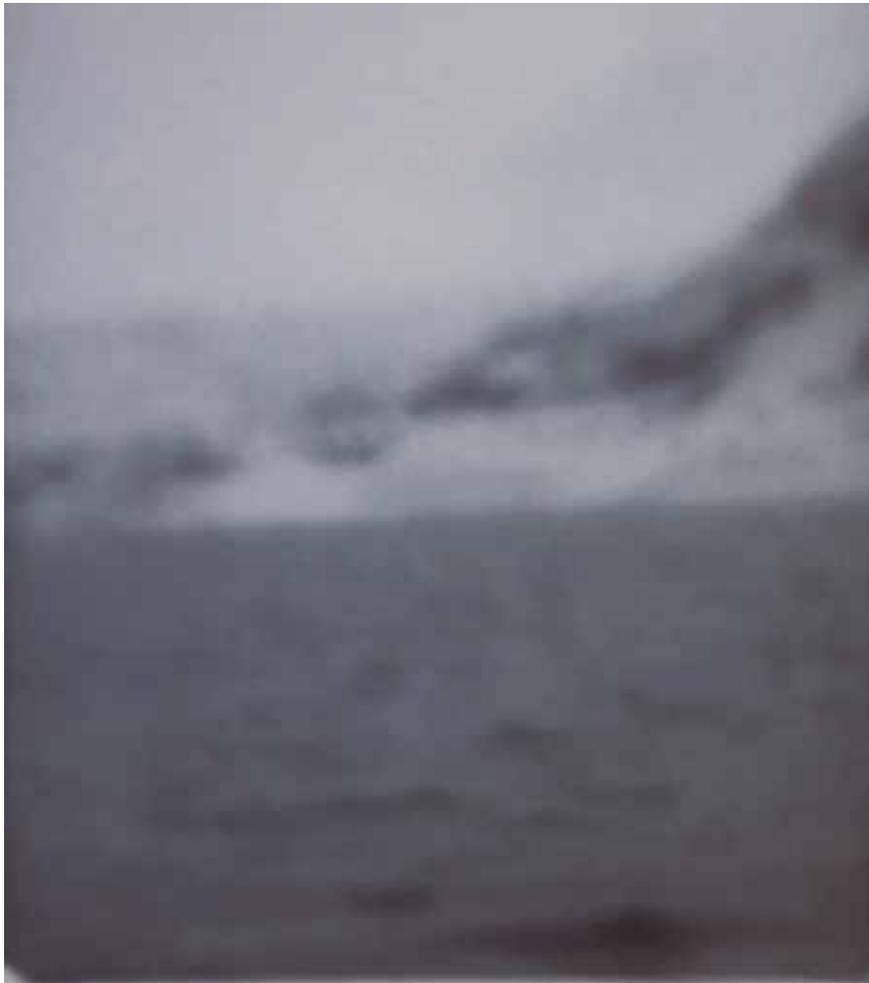
N/A

2012



**Vento Solar / *Solar Wind***

Fotografía Polaroid / Vídeo 35mm - vídeo looping 4' /  
*Polaroid Photography / 35mm video - video looping 4'*  
2012



**Vento Polar / Polar Wind**

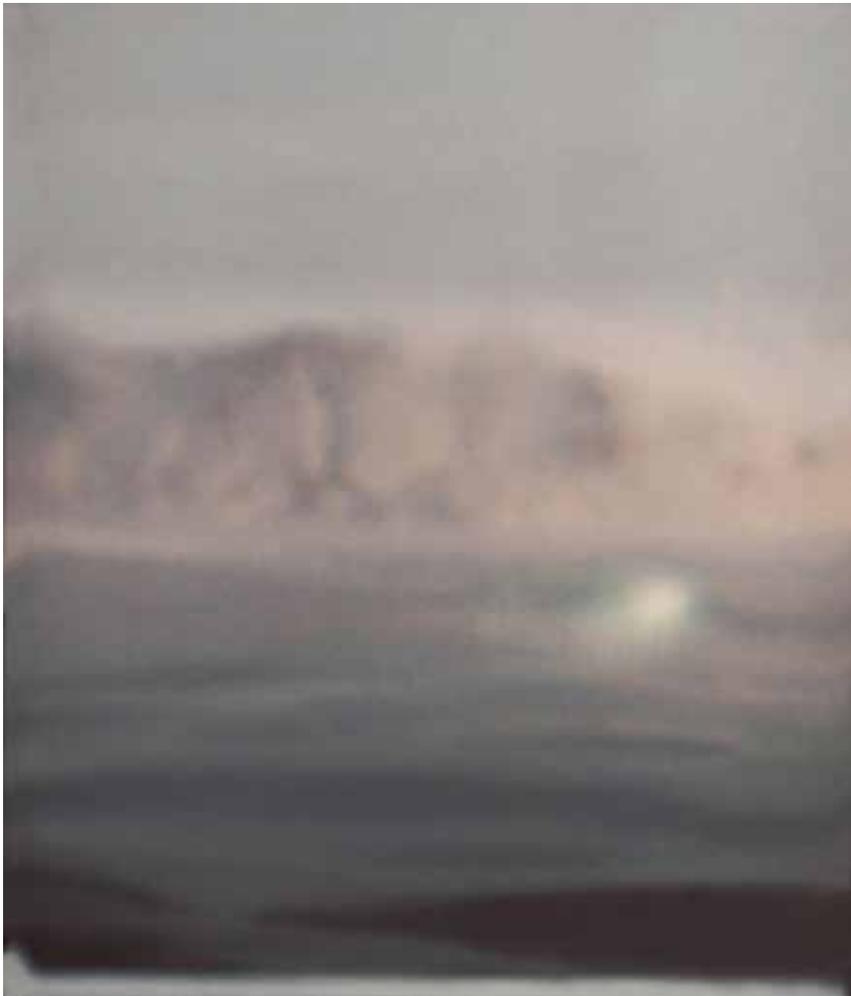
Impressão sobre papel de algodão a partir de Polaroid /

*Print on cotton paper from Polaroid*

61 x 55,5 cm (cada / each)

1/3 + 2 AP

2012



**Partículas / *Particles***

Impressão sobre papel de algodão a partir de Polaroid /

*Print on cotton paper from Polaroid*

61 x 57 cm (cada / *each*)

1/3 + 2 AP

2012

## **FUTURO DO PRETÉRITO** ***BLACK DESERT***

### Síndrome de Ísis

Sentir-se demasiado pequeno por enfrentar uma paisagem é uma das piores armadilhas em que podemos cair. Certamente, haverá algo de constrangedor em toda situação de confronto com a Natureza. A sensação de sublime pode ocorrer de distintas formas e manifestar-se estranhamente em alguns indivíduos.

Descoberta no início do século XVII, e descrita pelo cientista Albert Francis no Compêndio de Medicina de Asclépio, a Síndrome de Ísis é caracterizada por uma profunda melancolia que se instala em sujeitos que observam belas paisagens. Alguns casos extremos, que relatam essa manifestação, falam de suicídio. Durante três décadas, Albert Francis observou o comportamento de alguns exploradores da natureza, escaladores, espeleólogos e mergulhadores. Entre eles, o francês Charles Albanel, explorador que cometera suicídio ao chegar no topo de uma montanha localizada no território canadense, em 1696. Nessa ocasião trágica, Charles Albanel possuía oitenta anos, faixa etária avançada para indivíduos com tendências suicidas. [A estatística da ciência comprova que um sujeito suicida sempre antecipa a sua morte antes de chegar aos cinquenta anos]. Uma carta encontrada no bolso do casaco de Albanel, narra detalhadamente os motivos que o levaram a cometer suicídio: "(...) escolhi essa paisagem para ser a minha última imagem e para guardá-la em uma eternidade de sensações que as retinas humanas não alcançam".

A partir desse relato, penso nas fotografias elaboradas por Letícia Ramos e nas sensações que tais imagens desencadeiam em minhas memórias afetivas. Tenho demasiadamente medo de morrer. E é, apenas, por esse motivo que não cometo suicídio. Ao mesmo tempo, pequenas mortes acontecem quando vejo-me diante de algumas fotografias de Letícia. Aqui, retomo as paisagens de um futuro que nunca conheceremos. De um futuro pré-fotográfico, quando a noção de paisagem ainda nem tinha sido inventada e quando Ísis cuidava da Terra e da Lua.

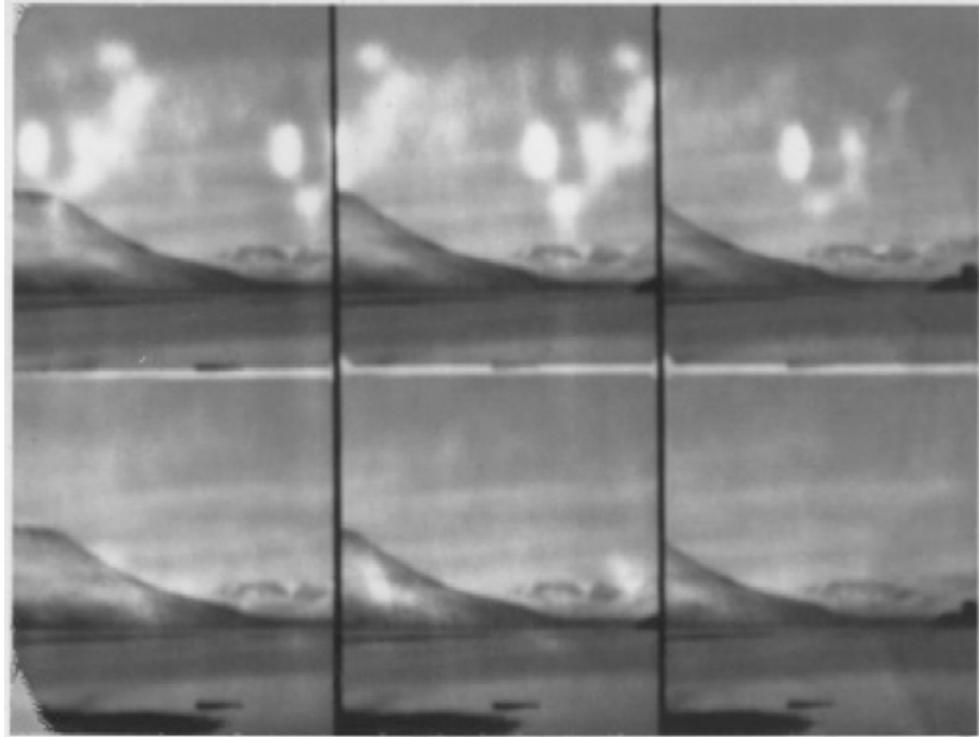
Michel Zózimo  
Porto Alegre, 2013

Project *Exhibitions*:

Exposição "Volar", curadoria de Paula Borghi, Museu Del Infinito

Arte, Buenos Aires, 2012

Videobrasil, 2015



**Paleolítico I / *Paleolithic I***

Fotografia Polaroid / *Polaroid Photography*

10,5 x 8,5 cm

N/A

2012



**Paleozóico / *Paleozoic***

Fotografia super8 impressa em papel algodão /

*Super8 photography printed on cotton paper*

35,5 x 20 cm

1/5 + !PA

2012



**Vulcão Lunar / Lunar Volcano**

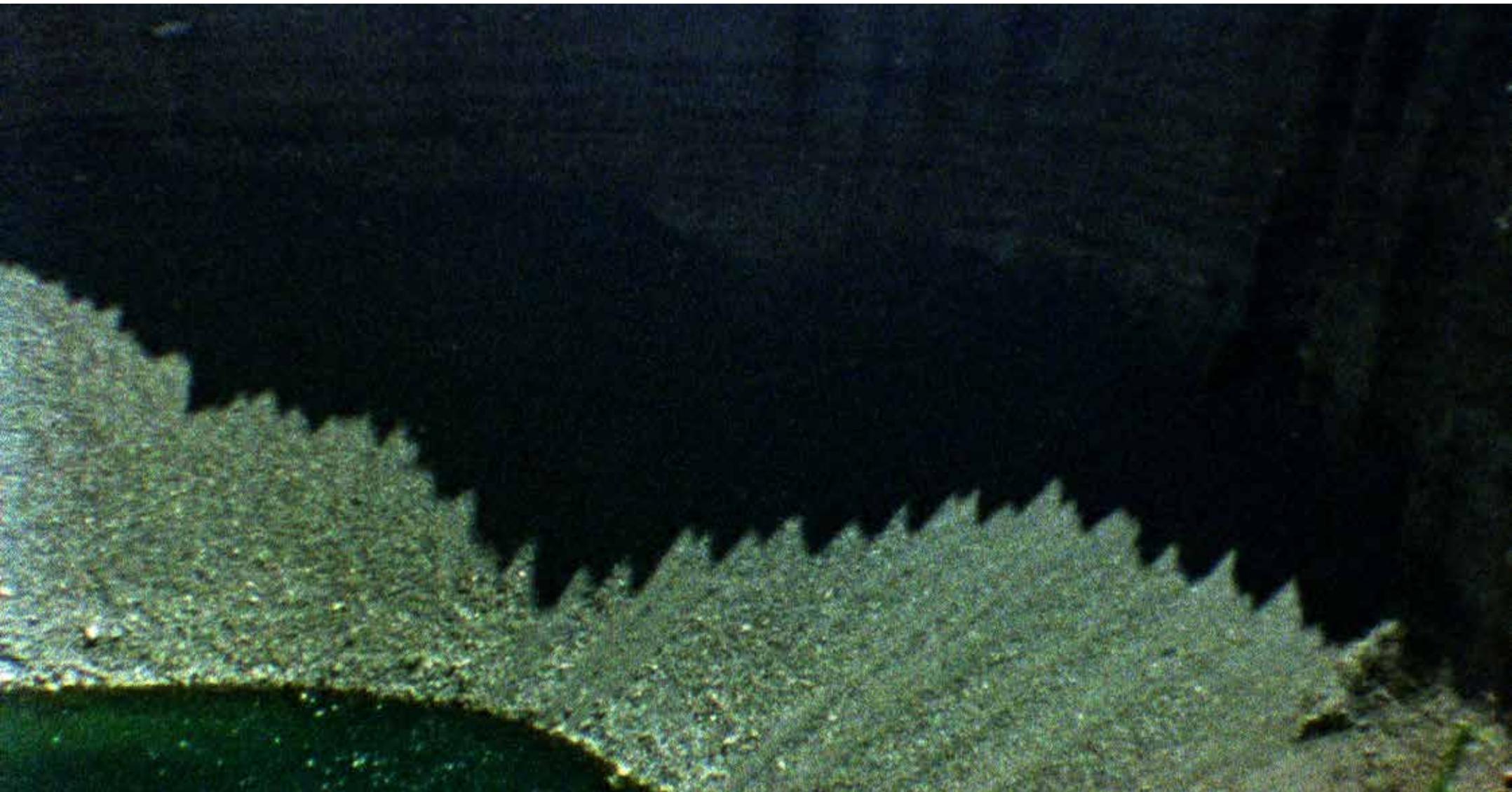
Fotografia super8 impressa em papel algodão /

*Super8 photography printed on cotton paper*

35,5 x 20 cm

1/5 + 1PA

2012



**O Lado Escuro da Lua / *The Dark Side of the Moon***

Fotografia super8 impressa em papel algodão /

Super8 photography printed on cotton paper

35,5 x 20 cm

2012



**Futuro do Pretérito / *Future Perfect***

Fotografia super8 impressa em papel algodão /

*Super8 photography printed on cotton paper*

35,5 x 20 cm

2012

[...]

> *segue*